

REFLEXÕES SOBRE REGÊNCIAS DOS VERBOS *LIGAR* E *TELEFONAR* EM PORTUGUÊS EUROPEU E *LLAMAR* E *TELEFONEAR* EM ESPANHOL PENINSULAR¹

Marcela Faria²

up200706938@edu.letras.up.pt

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. Este trabalho, baseado em dados de *corpora* escritos, apresenta algumas reflexões sobre a possibilidade de variação em regências dos verbos *ligar* e *telefonar*, em Português Europeu, e *llamar* e *telefonar*, em Espanhol Peninsular. Partindo da problematização da categoria preposição, analisa-se a disparidade de ocorrências em construções com estes verbos e reflete-se sobre a existência de dessemantização como base dessa variação.

PALAVRAS-CHAVE. Preposições, Verbos, Dessemantização.

ABSTRACT. This work, based on written corpora data, presents some thoughts about the possible variation of the prepositions with the verbs *ligar* ('to call') and *telefonar* ('to telephone'), in European Portuguese, and *llamar* ('to call') and *telefonar* ('to telephone') in Peninsular Spanish. Taking into account the complexity of the preposition category, we analyse the diversity of the constructions with these verbs and we reflect upon dessemantization as the base of that variation.

KEYWORDS. Prepositions, Verbs, Dessemantization.

1. Introdução

Partindo da ideia de que alguns verbos selecionam sintaticamente preposições com implicações semânticas possivelmente indissociáveis, procura-se neste trabalho

¹ Deixa-se aqui um agradecimento público ao revisor anónimo deste artigo, pela pertinência dos comentários feitos, e esclarece-se que todas as falhas que possam ser encontradas são apenas da responsabilidade da autora.

² Estudante do 1.º ano do 3.º Ciclo de Estudos em Ciências da Linguagem da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

refletir sobre as seleções preposicionais dos verbos *ligar* e *telefonar* em Português Europeu e *llamar* e *telefonar* em Espanhol Peninsular quando apresentam a leitura “estabelecer contacto telefónico”. A escolha destes verbos deveu-se, em primeiro lugar, à tomada de consciência empírica de casos de variação em Português Europeu, e, em segundo lugar, à procura de um confronto com outra língua, com verbos que gerassem a mesma leitura, para que se percebesse se sucedia um fenómeno semelhante.

O trabalho inicia-se com uma breve revisão da literatura sobre a categoria preposição, revisitando-se, desde logo, a problemática relacionada com o seu estatuto linguístico, por exemplo, no que concerne à nomeação como integrante da classe funcional ou da classe lexical.

Na secção seguinte, apresentam-se e analisam-se exemplos de produções que ilustram a variação referida acima, destacando-se alguns resultados recolhidos em *corpora*, e expõe-se a comparação entre línguas.

Na última parte do trabalho, partilham-se as considerações finais atingíveis após a problematização das observações, refletindo-se também sobre possíveis posteriores passos de investigação.

2. Enquadramento teórico

Após o trabalho de Chomsky (1957), com a apresentação das noções de Teoria Generativa e de Gramática Universal, os estudos linguísticos passaram a dedicar especial atenção às características que poderiam ser tidas não só como semelhantes num número definido de línguas que se entendessem como parte de uma família linguística (como faziam até aí as gramáticas descritivas-comparativas), mas como regras presentes globalmente – os universais linguísticos³. Esta ideia foi lapidada posteriormente (cf. Chomsky 1981, 1986) e solidificada através da Teoria dos Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981), que, simplificadamente, permitiu sustentar a defesa de uma universalidade de princípios com uma seleção específica de parâmetros, explicando diferentes *outputs* em diferentes sistemas.

Antes disso, em 1963, Joseph Greenberg estabelecia já uma ligação entre a ideia de universais e de implicações, apresentando, por exemplo, uma relação entre a ordem de

³ Sobre os universais linguísticos ver Chomsky (1957) e, entre outros, Faria *et al.* (1996: 15).

palavras numa língua e a presença de casos e de preposições (Faria *et al.* 1996: 15). O autor refere que se uma língua apresenta, genericamente, o padrão VSO na construção das suas frases, terá preposições. O facto de o português, língua SVO, apresentar preposições não é uma contra-evidência, já que a formulação de Greenberg deixa margem para estas ocorrências (Faria *et al.* 1996: 15). Ou seja, prevê-se que as preposições, que, ao contrário, por exemplo, dos nomes, não são uma categoria universal, façam parte de uma língua com padrão básico de ordem de palavras VSO, não sendo certo que façam parte de línguas com outras ordens básicas de constituintes na sua forma não marcada. Observações deste tipo fizeram com que se percebesse muito claramente e desde cedo o papel particular desta categoria linguística: se há línguas que dela não fazem uso (apresentando, por exemplo, riqueza morfológica na atribuição de caso), certamente não será parte intrínseca do núcleo duro, diga-se assim, da Gramática. Tendo a sua não universalidade como certa, importou perceber se era possível organizar as preposições adequadamente num grupo dentro do sistema. Retomou-se, então, a discussão sobre a alocação numa das duas grandes categorias em que tradicionalmente se agruparam as palavras: categoria funcional e categoria lexical⁴. No âmbito desta discussão, em 1970, Chomsky avança com algumas ideias sobre a categoria, referindo que ela apresenta as propriedades [-N] [-V], distinguindo-a dos Nomes ([+N] e [-V]), dos Verbos ([-N] e [+V]) e dos Adjetivos ([+N] e [+V]) (cf. Chomsky 1970). Esta classificação não foi, contudo, muito reveladora, já que não permitia uma aplicação estrita e sistemática nas várias ocorrências, como, por exemplo, sucedeu na especificação dos segmentos fonológicos por traços binários⁵. Esta foi, no fundo, mais uma prova de que se estava perante um problema efetivamente complexo, dado a multiplicidade de comportamentos das palavras em estudo.

O problema em fazer esta designação exata residiu no facto de a elas não se associar um comportamento uniforme, transversal, sistemático. Veja-se, por exemplo, que alguns autores as classificam como lexicais (Jackendoff 1977; Duarte & Brito 1996; Brito 2003; entre outros):

⁴ Como refere Brito (2003), a discussão sobre as categorias lexicais vem já desde a Antiguidade Clássica, mas mais recentemente têm sido apresentadas algumas teorias que “têm recuperado estas tentativas de distinção e aproximação das categorias lexicais (...)” (Brito 2003: 326).

⁵ Sobre os traços distintivos ver a obra Jakobson, Fant & Halle (1952), Chomsky & Halle (1968: 298-329) e, no estudo do português, Mateus *et al.* (2003: 996-1002).

“Quando uma dada palavra ou item lexical pertence a um inventário vasto e renovável do vocabulário ou léxico da língua e o seu significado remete para entidades, situações, propriedades ou relações entre entidades, estamos na presença de categorias lexicais. (...) Em português são categorias lexicais as seguintes: Nome (N), Adjetivo (A), Preposição (P), Verbo (V) e Advérbio (ADV).”

(Brito 2003: 326)

Contudo, outros autores, como Edmonds (1985), Eliseu (2008), Mendes (2013) e Raposo (2013a)⁶, classificam-nas como gramaticais/funcionais:

“As categorias funcionais como preposição, artigo, possessivo, demonstrativo, conjunção e outras formam listas fechadas e de pequena dimensão (é possível fazer o inventário completo destas categorias, o qual se mantém estável na língua, no longo prazo). Estas palavras têm uma interpretação gramatical (expressam relações gramaticais entre elementos).”

(Eliseu 2008: 38)

“Por outro lado, existem classes fechadas (i.e., com um número finito de elementos), cujos membros têm essencialmente uma função estruturadora, quer ao nível da frase quer ao nível do discurso. Estas classes chamam-se classes gramaticais (ou funcionais), e os itens que as formam chamam-se, concomitantemente, itens gramaticais (ou funcionais). Constituem exemplos típicos as preposições, as conjunções e os verbos auxiliares ou semiauxiliares.”

(Mendes 2013: 249)⁷

⁶ O autor inclui as preposições na classe de palavras fechadas e na classe de palavras gramaticais, mas acrescenta que nem todas têm o mesmo estatuto: “Em contrapartida, os membros das classes gramaticais têm essencialmente uma função estruturadora, quer ao nível da frase quer ao nível do discurso. Quando apresentam valores semânticos, estes são altamente codificados, formando um conjunto paradigmático e fechado em campos semânticos especializados (p. e., as preposições da área espacial e temporal). (...) nalgumas classes, nem todos os membros têm o mesmo estatuto de lexicalidade ou de gramaticalidade” (Raposo 2013a: 333).

⁷ Apesar de começar por incluir as preposições na classe funcional, a autora reflete mais aprofundadamente sobre esta temática, mostrando que não entende o problema como algo polarizado mas como um *continuum*: “A distinção lexical (ou pleno) vs. gramatical (ou funcional) não constitui uma dicotomia, mas antes um continuum, ao longo do qual encontramos diferentes graus de

Há, ainda, quem as entenda como partículas⁸ (Lucero 1999: 565-600) ou como não atribuíveis unicamente a uma classe, sugerindo uma classificação, de certa maneira, híbrida e mais justificada relacionalmente⁹ (Bosque & Rexach 2016: 113).

“La preposición, el adverbio y la conjunción presentan una serie de características comunes que han llevado a incluirlos tradicionalmente en una misma metaclase, la de las partículas.”

(Lucero 1999: 567)

“El estatuto de las preposiciones como categorías léxicas o funcionales es controvertido, si seguimos los criterios apuntados hasta ahora. Por un lado, las preposiciones forman inventarios cerrados. De hecho se memorizaban en la escuela primaria y es posible que todavía recuerde usted la lista (a, ante, bajo, cabe...). Muchas de ellas se corresponden con informaciones que en algunas lenguas se establecen mediante casos, es decir, mediante

“gramaticalidade”, estando, por exemplo, os itens nominais no polo mais lexical e os afixos flexionais, como os sufixos verbais de tempo/mo/aspecto, no polo oposto” (Mendes 2013: 258). Chega até a apresentar um quadro ilustrativo baseado na ideia de recategorização, que defende: “O processo de recategorização para uma classe mais gramatical é acompanhado de alterações ao nível do significado das unidades. Dá-se, por um lado, um enfraquecimento semântico designado como dessemantização e que consiste na perda total ou parcial do significado da unidade enquanto item lexical da língua” (Mendes 2013: 251). A autora esclarece, assim, que, no caso das preposições, “é necessário distinguir entre as preposições *a* e *de*, que nalguns casos apenas desempenham funções gramaticais de ligação entre constituintes (cf. A pintura da porta), e de outras preposições (como *contra*, *desde* e *sobre*) que, para além de estabelecerem uma ligação entre constituintes, veiculam um significado pleno, que determina (conjuntamente com o verbo, quando a preposição introduz um argumento) a função semântica dos constituintes (cf. Ele chocou *contra* o muro; Ele vive em Berlim *desde* criança; Ele pôs o livro *sobre* a mesa)” (Mendes 2013: 260). Em relação ao processo de gramaticalização, dá também exemplos de verbos. Mendes (2013) refere a gramaticalização do verbo *ter* na construção “Ele tem uma casa” para “Ele tem lido o livro”, sublinhando que “o processo de gramaticalização não implica que a unidade lexical deixe de existir: neste caso, coexistem no português atual os dois valores de *ter*, isto é, o valor de verbo pleno de posse e o valor de verbo auxiliar” (Mendes 2013: 250). Com esta abordagem menos estratificada, a autora aproxima-se do entendimento que também é dado em Bosque & Rexach (2016: 113).

⁸ Também em Raposo & Xavier (2013) surge uma observação neste sentido: “Existe uma afinidade estreita entre preposições e advérbios. Essa afinidade sugere que, num nível gramatical mais abstrato, ambas as classes se agrupam numa classe mais ampla, chamada *partícula* nalguns trabalhos de linguística contemporânea” (Raposo & Xavier 2013: 1500).

⁹ É também com este carácter relacional que a preposição é, de acordo com Raposo & Xavier (2013: 1498), apresentada nas reflexões de Barbosa ([1822] 1881: 218 ss.): “Preposição é uma parte conjuntiva da oração que posta entre duas palavras indica a relação de complemento que a segunda tem para a primeira”. Quanto à carga lexical, Barbosa refere “A preposição porem não indica senão uma única idéia, e esta geral e simplicíssima, qual é a relação de complemento em que um objecto está para com outro” (Raposo & Xavier 2013: 1498).

variaciones morfológicas en los nombres o los pronombres. Desde este punto de vista, no parecen tener un contenido designativo propio, sino más bien un contenido relacional. Seleccionan además obligatoriamente otro elemento (generalmente un grupo nominal o una oración que sirven como complemento o «término» de la preposición). Las preposiciones tampoco pueden aparecer aisladas y son prosódicamente débiles.”

(Bosque & Rexach 2016: 113)

Bosque & Rexach (2016) referem ainda que algumas preposições apresentam um maior conteúdo lexical enquanto outras não. “Parece, pues, que podemos analizar preposiciones como *durante*, *desde*, *contra* y algunas más como categorías léxicas, mientras otras (...) son categorías funcionales. Otras pertenecen más bien a los dos grupos” (Bosque & Rexach 2016: 113).

2.1. Algumas considerações gerais sobre Léxico e Gramática

Importa referir que esta distinção entre ser parte do grupo das palavras lexicais ou parte do grupo das palavras funcionais supõe que elas já existam demarcadamente num nível a que tradicionalmente se chama Léxico¹⁰. Ora, esta concepção também não é incontestável; aliás, são vários os autores que defendem posições antagónicas quanto a este ponto. Historicamente, sempre se considerou que uma construção sintática dependia do significado das palavras nela contidas, embora se misturassem muitas vezes noções ambíguas de funções sintáticas (Brito 2013: 2). Em 1957, Chomsky, com a sua, posteriormente famosa, construção *Colorless green ideas sleep furiously*, defende uma independência da Sintaxe face ao significado individual das palavras (Brito 2013: 3). Partindo da constatação de que a aquisição da língua pelas crianças é extremamente rápida quando comparada com a aprendizagem de outros códigos (como a aritmética (cf.

¹⁰ Sobre isto, ver, por exemplo, Chaves (2013: 186): “O significado de uma frase depende crucialmente da combinação do significado das palavras que o compõem. As palavras, no entanto, não se encontram simplesmente listadas alfabeticamente no “dicionário mental” – o léxico – de um falante. A sua organização, de facto, é bastante mais complexa. No dicionário mental, as palavras estão organizadas numa “rede” estruturada em torno de relações abstratas. Essa estruturação conceptual implica operações mentais de categorização.” Ou seja, classificando-as como lexicais, admite-se que elas se agrupam num repositório mental de acordo com uma estrutura de seleção categorial prévia à sua existência sintática.

Faria *et al.* (1996: 13)), Grimshaw (1979) e Pesetsky (1982) propõem abordagens que defendem a existência de dependência entre o significado e o resultado na cadeia sintagmática (Brito 2013: 3). “É o significado lexical de cada item que determina a projeção desse item na estrutura sintática? São sobretudo os predicados ou predicadores a determinarem essa projeção? E, nesse caso, será a estrutura temática, a estrutura eventiva ou a estrutura lexical conceptual associada a cada predicador?” são, por exemplo, questões levantadas por Brito (2013), na discussão da interface entre Léxico e Sintaxe. A análise da alternância das construções causativa/anticausativa, com alteração de funções sintáticas, manutenção de papéis temáticos e anulação de um argumento é tomada como exemplo da necessidade de se olhar tanto para a estrutura argumental como para as relações semânticas presentes (Brito 2013: 4). Sobre as relações temáticas destacam-se os trabalhos de Gruber (1965), Fillmore (1968) e Jackendoff (1972), com propostas de listas que permitissem definir os papéis temáticos presentes nas construções sintáticas e relacioná-los com determinadas posições (Brito 2013: 4)¹¹. Estes avanços mostram-se muito relevantes na medida em que procuraram, com a análise dos papéis temáticos dos constituintes, entender o surgimento de determinadas projeções na cadeia sintagmática. Contudo, a definição clara de quais e quantos papéis temáticos deveriam ser equacionados revelou-se mais densa do que à partida se pensaria, estando atualmente ainda muito por problematizar neste ponto. Em 1981, Chomsky apresenta a sua Teoria da Regência e da Ligação onde enuncia o Critério Temático: cada argumento recebe um e um só papel temático e cada papel temático é atribuído a um e um só argumento (Chomsky 1981: 36, *apud* Brito 2013: 4) e, em 1986, apresenta uma proposta que incide na importância da indicação dos papéis temáticos e não da categoria dos argumentos, desviando-se da ideia que apresentara em 1957 (Brito 2013: 4). Como daqui se vê, estas questões da definição da predicação e atribuição de papéis temáticos são bastante intrincadas, na medida em que um maior destaque à parte lexical (que se poderá relacionar com os papéis temáticos) implica uma determinada observação do conceito de Léxico e da interação deste com o sistema computacional de organização das estruturas. Não se pretendendo uma exposição e reflexão exaustivas, refere-se aqui, sobre este assunto, apenas a síntese das observações apresentadas em Brito (2013) que permite ficar

¹¹ Não se aborda especificamente neste trabalho a discussão sobre o número e definição de papéis temáticos, por exemplo, presente em Dowty (1990) ou Baker (1988), tal como enuncia Brito (2013: 6-7).

com a perspetiva geral das linhas mais recentes de discussão. Assim, sublinha-se que os vários modelos que analisam a relação entre Léxico e Sintaxe dividem-se, como é apontado em Brito (2013), em abordagens que “preconizam uma interface Léxico-Sintaxe, embora difiram quanto à natureza estática ou dinâmica do Léxico e quanto à parte do significado lexical que consideram determinante para a Sintaxe – a estrutura temática, a estrutura eventiva ou a estrutura conceptual” e outros que questionam a própria existência do Léxico, referindo que “cabe à Sintaxe dar conta da maneira como as estruturas argumentais dos predicados vão sendo construídas” (Brito 2013: 23). Ora, no caso das preposições, que são centrais neste estudo, estas diferentes perspetivas acabarão por influenciar as análises que poderão fazer-se de alguns fenómenos notados na diversidade das construções. Se, por um lado, se tomar a separação Léxico-Sintaxe, poder-se-á entender a preposição/algumas preposições como portadoras de conteúdo lexical (semântico e argumental) mais ou menos solidificado; se, por outro lado, se defender a inexistência desse quadro mental basilar, poder-se-á entender que é a estrutura sintática combinatória que é responsável total pela codificação em que a preposição/algumas preposições surgem. Embora esta discussão seja, de facto, importante e necessária (e esteja, se se quiser, num nível hierárquico superior à discussão sobre a própria categoria), dado o carácter delimitado do trabalho, ficar-se-á por esta formulação da problemática, incidindo-se especificamente num contexto específico de estudo: a variação na seleção de preposição mediante determinados verbos, pelo que é essencial refletir mais sobre a categoria. Assim, o trabalho aqui apresentado faz-se no enquadramento tradicional da existência desse quadro organizado chamado Léxico.

2.2. Forma geral do SPREP

Que as preposições não são palavras vazias (Trujillo 1971: 261 *apud* Laguna 2004: 528) e que podem apresentar, pelo menos algumas delas, uma carga lexical é inegável através, por exemplo, das diferentes leituras percebidas. Tomem-se, a título demonstrativo, as construções “O João deu voltas *no* parque”, “O João deu voltas *pelo* parque”, “O João deu voltas *ao* parque”¹². As diferentes leituras que os falantes

¹² Perante pares mínimos, apenas com variação da preposição, nota-se que “o valor semântico do complemento preposicionado e a sua contribuição para a interpretação do predicado são obtidos composicionalmente pelo verbo em combinação com a preposição” (Raposo & Xavier 2013: 1519).

percepcionam resultam apenas da alteração prepositiva, pelo que se mostra que é nas preposições que incide o conteúdo lexical aqui distintivo. Contudo, há também argumentos para a defesa do seu carácter mais funcional, desde logo por serem invariáveis ou pertencerem a uma classe fechada¹³. Note-se, ainda, que, com exceção de produções com a preposição *contra* como, por exemplo, “Sou/estou *contra*” e “Ele votou *contra*”, não surgem construções gramaticais em que uma preposição assumia a última posição da frase. Vejam-se, por exemplo, as seguintes construções, retiradas de Brito (2003: 327):

- (1) Os estudantes leram *livros*.
- (2) Os estudantes leram *livros de História*.
- (3) Os estudantes leram *os livros de História*.
(SN em itálico)

- (4) Esse livro é *útil*.
- (5) Esse livro é *útil a qualquer linguista*.
- (6) Esse livro é *muito útil a qualquer linguista*.
(SAdj em itálico)

- (7) O Luís foi ao cinema *com a Maria*.
- (8) O Luís foi ao cinema *só com a Maria*.
- (9) *O Luís foi ao cinema *com*.
(SPrep em itálico)

- (10) O bebé *sorriu*.
- (11) O bebé *sorriu à Ana*.
(SV em itálico)

- (12) A estação fica *longe*.
- (13) A estação fica *longe do hotel*.
- (14) A estação fica *muito longe do hotel*.
(SAdv em itálico)

¹³ Sobre a discussão relativa ao facto de poder não ser entendida como uma classe fechada, veja-se, por exemplo, Laguna (2004: 527), e sobre a classificação como classe fechada, ver, entre outros, Mendes (2013: 256), Raposo (2013a: 331) e Raposo & Xavier (2013: 1502).

Esta constatação abona a favor da perceção da preposição como categoria funcional, na medida em que ela não é capaz de ser núcleo isolado do sintagma, tal como as outras categorias lexicais (Brito 2003: 327). Aqui poderia problematizar-se sobre a própria conceção de SPrep, na medida em que, de acordo com a proposta X-barras de Chomsky (1970), o elemento fundamental da categoria sintagmática é aquele que se apresenta simultaneamente como o seu núcleo; dito de outra forma, “uma categoria sintagmática é a projeção do seu núcleo” (Brito 2003: 327). Nesse caso, poderia repensar-se a identificação de SPrep como categoria sintagmática, teorizando-se sobre a existência de um núcleo SN com especificador preposicional. Essa ideia levaria a que se tomasse a preposição não como elemento predicador, mas como elemento relacional (com traços lexicais) selecionado pela estrutura argumental do verbo (e a sua indicação dos possíveis Papéis Temáticos), especificado pelo elemento lexical núcleo do sintagma nominal posterior na cadeia sintagmática¹⁴.

Brito (2003) esclarece a agramaticalidade de “*O Luís foi ao cinema *com*”, destacando o “caráter intrinsecamente relacional desta categoria”. Também sobre este caráter relacional, Raposo (2013) refere que as preposições são “palavras que relacionam um sintagma nominal com outra palavra, a qual pode ser um verbo (cf. *sai com a Maria*), um nome (cf. *o livro do Pedro*), um adjetivo (cf. *fiel ao seu marido*) ou um advérbio (*antes do Porto*). Morfologicamente, são palavras invariáveis” (Raposo 2013: 329). De facto, e no seguimento das observações feitas em Raposo & Xavier (2013), as preposições têm como função “estabelecer uma relação sintática e semântica entre duas expressões *x* e *y*”¹⁵ (Raposo & Xavier 2013: 1497). O primeiro é o termo chamado *subordinante*¹⁶ e o segundo é o *complemento* (Raposo & Xavier 2013: 1497-1498). Contudo, estes autores apresentam a preposição como núcleo do sintagma preposicional: “O SP apresenta uma estrutura simples e uniforme, pois contém, normalmente, a preposição e um único complemento. A preposição constitui o núcleo do sintagma

¹⁴ Recordando-se aqui a co-composicionalidade de Pustejovsky (1998), quando refere que o complemento co-especifica o verbo (*apud* Farias 2016: 52).

¹⁵ “O Pedro voltou (*x*) para o seu escritório (*y*) tarde.” (Exemplo retirado de Raposo & Xavier (2013: 1497))

¹⁶ Terminologia usada por Bechara (1999), de acordo com Raposo & Xavier (2013: 1497). Os mesmos autores referem que Cunha & Cintra (1984: 551) indicam, diferentemente, que as preposições são “palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro [o “antecedente”, segundo estes autores] é explicado ou completado pelo segundo [o “consequente”]” (Raposo & Xavier 2013: 1498).

preposicional (*com toda a legitimidade*), tal como o verbo é o núcleo do sintagma verbal (*registaram essa ideia*), o nome é o núcleo do sintagma nominal (*a aceitação da proposta*) e o adjetivo é o núcleo do sintagma adjetival (*receoso das consequências*)” (Raposo & Xavier 2013: 1498). Abordam ainda as questões que permitem perceber a maior solidez na cadeia sintagmática entre a preposição e o seu complemento do que entre a preposição e o termo subordinante: o facto de não ser necessária a adjacência entre o termo subordinante e a preposição (cf. “O Pedro voltou tarde para o seu escritório”), enquanto esta é essencial entre preposição e complemento (cf. “* O Pedro voltou para tarde o seu escritório”) e o facto de podermos, através de topicalização, separar o termo subordinante do sintagma preposicional (cf. “Para o seu escritório, o Pedro voltou tarde”), o que não sucede entre preposição e complemento (cf. “*o seu escritório, o Pedro voltou para tarde”¹⁷) (cf. Raposo & Xavier 2013: 1499). Seguindo-se as reflexões apresentadas em Raposo & Xavier (2013), relembra-se que o sintagma preposicional assume funções sintáticas distintas de acordo com a natureza do subordinante que o seleciona: “(i) o termo subordinante é uma palavra pertencente, nos casos mais típicos, a uma das classes lexicais: um verbo, um nome ou um adjetivo (cf., por exemplo, com um verbo, *pensei [em várias coisas]*); menos usualmente, o termo subordinante pode também ser um advérbio ou uma preposição¹⁸ [...]; (ii) O termo subordinante é um constituinte mais amplo, um sintagma verbal ou uma frase¹⁹ [...] e (iii) O termo subordinante é o sujeito de uma predicação, numa oração copulativa ou numa predicação secundária, da qual o sintagma preposicional é o constituinte predicativo²⁰” (Raposo & Xavier 2013: 1510). Em relação ao que mais diretamente diz respeito ao estudo que aqui se procura fazer, destaca-se o caso de o termo subordinante ser um verbo e o grupo preposicional surgir como complemento (Raposo & Xavier 2013: 1511-1512).

2.3. Relação entre verbo e preposição

Nos verbos em análise, ver-se-á que tipo de complemento será selecionado, se objeto direto, se objeto indireto, se oblíquo. À seleção de um determinado complemento

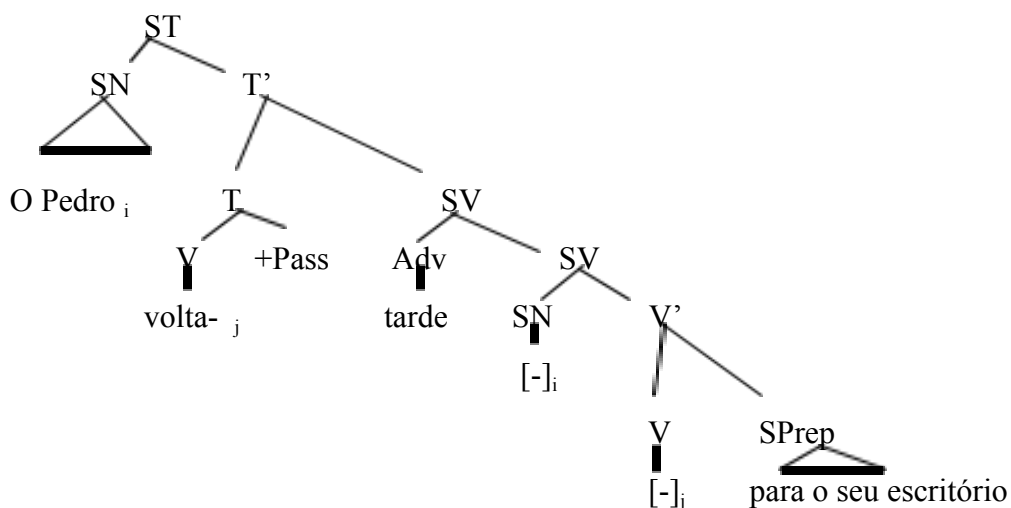
¹⁷ Exemplos retirados de Raposo & Xavier (2013: 1499).

¹⁸ Por exemplo, “*Independentemente da situação, não devemos desistir*” (Raposo & Xavier 2013: 1514).

¹⁹ Por exemplo, “*Sem qualquer vergonha, o árbitro marcou um penálti contra o Chelsea*” (Raposo & Xavier 2013:1515).

²⁰ Por exemplo, “*A Luísa está com uma enorme ressaca*” (Raposo & Xavier 2013: 1516).

chama-se tradicionalmente regência, pelo que se diz que “o termo subordinante rege o sintagma preposicional”; o conceito de regência designa, então, “a relação que existe entre o núcleo de um constituinte e o seu complemento semanticamente selecionado [...] e também entre o núcleo do constituinte e o núcleo do complemento” (Raposo & Xavier 2013: 1511-1512). Sublinha-se, na leitura feita por estes autores, que “pela definição de regência, a própria preposição também rege o seu complemento, bem como o núcleo deste” (Raposo & Xavier 2013: 1512). Recorda-se, neste ponto sobre as ligações estabelecidas, a relação de c-comando na Teoria da Regência e Ligação, apresentando-se a estrutura:



Sobre esta regência, esclarecem, contudo, partindo da análise de pares mínimos como os vistos acima, e porque “o valor semântico do complemento preposicionado e a sua contribuição para a interpretação do predicado são obtidos composicionalmente”, que “em última instância, não é apenas a preposição que seleciona semanticamente o seu complemento (...), mas sim o predicador complexo V+P” (Raposo & Xavier 2013: 1519). Isto significa que, apesar da solidez sintática demonstrada acima (entre a preposição e o seu complemento), há uma clara ligação entre o termo subordinante e a preposição selecionada, o que leva à teorização sobre de que tipo de ligações se pode falar. Nesse seguimento, e especificamente no que toca à variabilidade e rigidez na escolha da preposição, Raposo & Xavier (2013) referem que “dependendo do termo subordinante, certos contextos admitem uma escolha entre duas ou mais preposições ou locuções

prepositivas, geralmente pertencentes ao mesmo campo semântico (...). Os autores abordam a questão da variabilidade e rigidez em três pontos: por um lado, consideram os casos em que a escolha de uma preposição implica a variação de sentido, os chamados casos de regência múltipla; por outro, os casos em que há uma escolha limitada de preposições sem variação de sentido e, por último, os casos em que a preposição é fixa, os chamados casos de regência fixa (Raposo & Xavier 2013: 1520-1522). Em relação aos primeiros, os de regência múltipla, dão exemplos como “O Pedro votou [{a favor de/contra} os socialistas]” e, em relação à regência fixa, dão exemplos como “Ela confia [na justiça portuguesa]. (vs. *(de/sobre/para/a...))” (Raposo & Xavier 2013: 1521-1522). No que diz respeito aos casos que apontam como de possível escolha da preposição sem variação de sentido, indicam construções como “A Maria falou muito [{de/em/sobre} ti]”, mas deixam uma nota sobre o facto de não se poder descartar que “em certos casos, cada escolha esteja associada a matizes semânticos ou estilísticos subtis” (Raposo & Xavier 2013: 1521). Ou seja, no fundo, deixam em aberto que haja nestas produções uma variação de sentido, embora menos denunciada do que nos outros casos. Todavia, e assumindo a hipótese de que não há variação de sentido, não referem quais as possíveis causas da variação na seleção da preposição (questão que se procura entender neste estudo e sobre a qual se refletirá mais à frente). Raposo & Xavier (2013) defendem ainda que “as preposições num contexto de regência fixa ainda que possam ser redundantes de um ponto de vista estritamente informativo, não perdem necessariamente a sua semanticidade²¹. Abstraindo de casos em que a preposição tem uma função exclusivamente ou quase exclusivamente gramatical, (...) existe uma motivação semântica para a ocorrência da preposição que contêm, em vez de outra qualquer. Nessa perspectiva, a regência fixa resulta do facto de o significado do verbo regente restringir o espaço semântico do complemento preposicionado, afunilando concomitantemente a escolha da preposição adequada” (Raposo & Xavier 2013: 1524). Desta forma, ainda que o valor semântico inerente à preposição tenha sido tomado em conta na seleção, o facto de mais nenhuma preposição ser admitida acaba por enfraquecer esse mesmo peso semântico, tornando a preposição mais gramatical (Raposo & Xavier 2013: 1524). Com estas observações em mente, atente-se agora nos dados, para posterior análise.

²¹ O conceito de semanticidade define-se como “presença de um qualquer valor semântico numa preposição, qualquer que ele seja” (Raposo & Xavier 2013: 1522).

3. Os casos dos verbos *ligar* e *telefonar*, em Português Europeu, e *llamar* e *telefonar*, em Espanhol Peninsular

3.1. *ligar* e *telefonar*

Em Português Europeu, o verbo *ligar* é selecionado em diversas produções, podendo apresentar-se como verbo inergativo (“A Maria ligou²²”); pronominal (“Ela liga-se ao clube amanhã” – adere, vincula-se, junta-se²³ – e “Isto liga-se com o que acabei de dizer” – relaciona-se); transitivo direto (“Ela liga os ingredientes” – mistura ; “Ela liga os dois temas” – relaciona e “Ela liga o braço” – aplica uma ligadura); transitivo ou transitivo direto, em Cunha & Cintra (1984) (“Ele liga o aparelho” – põe em funcionamento, ativa); verbo ditransitivo (“Esta estrada liga Évora a Beja” – estabelece uma ligação terrestre) e verbo de dois lugares com um argumento interno objeto indireto, ou transitivo indireto (“Ele liga à Maria²⁴ – telefona)²⁵. Neste trabalho, por limitação de tempo e interesse específico em apenas uma leitura, analisar-se-á somente a variação na seleção de preposições no que diz respeito aos casos em que o verbo possa ser entendido como sinónimo de “estabelecer contacto através de telefone”.

O verbo *telefonar* surge, tradicionalmente, como transitivo indireto em construções como “Ela telefona *ao Pedro*” e como verbo transitivo de dois lugares com um argumento interno oblíquo em construções do tipo “Ela telefona *para o departamento*” ou “Ela telefona *para Paris*”²⁶.

Apesar do referido acima, nem sempre, como se sabe, dado o sistema vivo que é a língua, as ocorrências se mostram tão lineares. É claro que a aceitação de determinadas produções por parte dos falantes não é considerável, mas é através da análise de ocorrências e de não ocorrências que é possível problematizar o sistema, daí que as

²² “*Ligada a Maria” é um dos testes que podemos aplicar para provarmos o carácter inergativo.

²³ Como sinónimo do verbo *juntar* pode também surgir em construções como “Eles ligaram-se contra o Pedro”, com a leitura “Eles uniram-se contra o Pedro”.

²⁴ Também poderá ter a leitura de “dar importância”: “Ele dá pouca importância à Maria” semelhante a “Ele liga-lhe pouco” ou “Ele dá-lhe pouca importância”.

²⁵ Para elaborar esta lista foram consultadas as páginas www.infopedia.pt e www.priberam.pt/dlpo, de onde foram adaptados alguns dos exemplos. A classificação categorial do verbo aqui apresentada, embora possa coincidir, em alguns casos, com as que são disponibilizadas nas páginas digitais, é resultado de análise própria.

²⁶ Surge ainda como intransitivo em produções do tipo “O Pedro telefonou”, quando se pretende dar foco ao ato de ter estabelecido ou ter tentado estabelecer contacto.

“falhas” nos sistemas desempenhem um papel fulcral no avanço de toda a ciência²⁷. Por vezes, as discrepâncias são dirimidas pelo próprio sistema, por vezes ganham relevo e tornam-se mais e mais significativas. Não se sabendo o que acontecerá, importa identificar e tentar perceber o que originou a ocorrência, tendo em vista perceber melhor a estruturação do sistema. Assim, e com o intuito de se pensar sobre o que subjaz às produções, veja-se mais claramente:

(15) Ela liga *ao Pedro/ à Rita*.

(16) ? Ela liga *para o Pedro/a Rita*.²⁸

(17) */? Ela liga *com o Pedro/a Rita*.²⁹

(18) ? Ela liga *ao departamento*.

(19) Ela liga *para o departamento*.

(20) */? Ela liga *com o departamento*.

(21) Ela telefona *ao Pedro/à Rita*.

(22) ? Ela telefona *para o Pedro/a Rita*.

(23) */? Ela telefona *com o Pedro/a Rita*.

(24) ? Ela telefona *ao departamento*.

(25) Ela telefona *para o departamento*.

(26) */? Ela telefona *com o departamento*.

Observando-se as construções (15) e (21) nota-se imediatamente a seleção da preposição *a* estabelecendo uma relação entre V e OI. No que toca à seleção temática, e, por exemplo, de acordo com Xavier (1991), a preposição *a* “seleciona complementos com interpretações diversas, entre as quais se destacam alvo, fonte, lugar, agente,

²⁷ Sobre o conceito de agramaticalidade ver, por exemplo, Duarte & Brito (1996: 248) e sobre a sua importância ver, entre muitos outros, Eliseu (2008: 22-23): “A agramaticalidade de uma dada expressão constitui aquilo que se designa ‘evidência negativa’; este tipo de prova permite demonstrar a inadequação de uma hipótese ou conjunto de hipóteses.”

²⁸ O sinal gráfico “?” é utilizado como juízo particular, significando aceitabilidade duvidosa. No seguimento das palavras de Raposo *et al.* (2013): “(...) os juízos assinalados com “?” ou “??” são os dos autores dos capítulos, sendo possível que o leitor discorde deles” (Raposo *et al.* 2013: xxviii).

²⁹ Os exemplos que apresentam a preposição “com” são considerados agramaticais em PE padrão, embora sejam efetivamente produzidos fora da norma da língua. Sobre isto, ver a nota 34.

experienciador, tema, benefactivo e posse (inalienável)” (Xavier 1991: 320-321)³⁰. Já a preposição *para*, entre outros sentidos, pode indicar movimento, direção, destino (Bruyne 1999: 678-680)³¹ e, tradicionalmente é tida como responsável pela seleção, tipicamente, de uma entidade com traço [-humano]³², por exemplo, instituições ou zonas geográficas, como se vê no exemplo (19) ou em “Ele liga *para Paris*”, remetendo para interpretações temáticas como alvo ou meta. Raposo & Xavier (2013) entendem, numa leitura mais genérica, que “as preposições *a* e *para* são ambas direcionais e marcam um constituinte com o valor de destino; no entanto, distinguem-se de um modo que recorda a diferença aspetual entre estados episódicos e estados permanentes” (Raposo & Xavier 2013: 1542). Porém, e já numa análise mais detalhada da preposição *a*, Raposo & Xavier (2013) esclarecem que esta tem como um dos seus usos centrais a introdução do complemento indireto, destacando que os verbos que tradicionalmente selecionam esta função gramatical “denotam a transferência de uma entidade, concreta ou abstrata, a partir de um indivíduo ou indivíduos que são a origem ou a fonte da transferência para outro indivíduo ou indivíduos que recebem aquilo que é transferido” (Raposo & Xavier 2013: 1550). “Metaforicamente, a transferência é concebida como um movimento espacial de um lugar para outro”, acrescentam Raposo & Xavier (2013: 1550). Nos casos (15) e (21), aponta-se que a preposição *a* seleciona o objeto indireto, tomando-o como alvo de *ligar/telefonar*, o que possibilita as pronominalizações “Ela *liga-lhe*” e “Ela *telefona-lhe*”. A preposição *para*, introduzindo um complemento oblíquo do verbo de dois lugares, e não sendo possível pronominalizar, pode gerar uma construção com advérbio de lugar para onde se estabelece o contacto “Ela liga *para lá*”. Perante os exemplos (15)/(19) e (21)/(25), observando-se que os verbos *ligar/telefonar* selecionam tanto a preposição *a* como a preposição *para*, torna-se relevante esclarecer o que justificará a seleção a acontecer, ou seja se o traço [+/-humano] encerrado no sintagma nominal ditará a ocorrência de *a* ou *para*³³.

³⁰ Sabio (1991: 298) também refere que a preposição *a* potencia a ideia de direção, limite, chegando a referir a distinção entre *a* e *para* no que diz respeito ao tempo associado em verbos de movimento em construções com *ir*: “Vou *a* Lisboa” vs. “Vou *para* Lisboa”. No primeiro caso, indicando direção com a ideia de retorno e, no segundo caso, permanência (Sabio 1991: 299).

³¹ “*para* equivale más o menos a «con dirección a» (...)” (Bruyne 1999: 679).

³² Segue-se nesta análise os traços lexicais indicados em Chomsky (1965).

³³ Sobre as posições sintáticas de “*a*” e “*para*” no contexto das construções de objeto indireto preposicionais ou não preposicionais, leia-se Brito (2009).

Se o sintagma marca [+humano], selecionar-se-á a preposição *a*, se, pelo contrário, marca [-humano] selecionar-se-á *para*, faltando apenas problematizar a marginalidade associada a exemplos do tipo (16)/(18) e (22)/(24). De facto, as realizações aqui apresentadas (e outras que surgirão adiante) levantam uma questão: se o carácter [+/-humano] do sintagma nominal parece ser relevante na definição da preposição a selecionar, como se justificam realizações como (16)/(18) e (22)/(24)? Além disto, acrescentam-se também aqui construções como “Ela liga *com o Pedro*” porque ocorrem em várias regiões da zona Norte do país³⁴, embora sejam, de acordo com a descrição tradicional, classificadas como agramaticais, uma vez que a preposição *com* encerra em si os sentidos de companhia, colaboração, causa, modo, conteúdo, instrumento (Bruyne 1999: 664-667) e de copresença (Raposo & Xavier 2013: 1517 e 1557), que não se mostram tipicamente enquadráveis nas construções com o verbo *telefonar* e com o verbo *ligar* no sentido de estabelecer contacto telefónico. Realizações como “Vou ligar *com ele*” e “Depois eu ligo *consigo*” são produzidas sem causar estranheza nos interlocutores. Assim, em algumas zonas, coabitam não problemáticamente, e com a mesma leitura, construções como “Ela vai ligar/telefonar *ao Pedro*”, “Ela vai ligar/telefonar *para o Pedro*” e “Ela vai ligar/telefonar *com o Pedro*”. Expõe-se, de seguida, alguns exemplos deste tipo de construções recolhidos no *corpus* CETEMPúblico³⁵:

CETEMPúblico

liga ao – 186 ocorrências (1 das quais poderia surgir, sem alteração de leitura, com o verbo *telefonar*)

(27) *par=ext33164-pol-98a-1*: «Qualquer dia António Vitorino pega no telefone, *liga ao* primeiro-ministro e pergunta: 'apetece-me voltar para o Governo, pode ser amanhã?»

³⁴ Esta afirmação resulta de observação empírica, não estando ainda concretizada em trabalhos de recolha. Por ser assim, a ideia de que ocorre em regiões do Norte poderá até pecar por defeito. Não sabemos se corresponderá a um fenómeno dialetal (e de que tipo) e não sabemos também se há alguma tendência na seleção de determinados tempos verbais.

³⁵ Todas as recolhas no CETEMPúblico (<https://www.linguateca.pt/cetempublico/>) apresentadas neste trabalho foram feitas em outubro de 2020. Esclarece-se que a pesquisa com preposições contraídas (*à*, *ao*) é meramente metodológica e que o uso do presente e do infinitivo também se deve à necessidade de se restringir a pesquisa. Seria, assim, importante, num estudo posterior, apresentar também resultados com outros tempos verbais. Acrescenta-se, ainda, que, para evitar que a leitura se tornasse maçuda, não se incluíram em nota exemplos de ocorrências com leituras diferentes das procuradas.

liga à – 145 ocorrências (1 das quais poderia surgir, sem alteração de leitura, com o verbo *telefonar*)

(28) *par=ext1532936-pol-93a-1*: Pega no telefone e *liga à* sua ex-mulher para a convidar -- e ao seu marido -- para um cineminha.

liga para - 30 ocorrências (16 das quais poderiam surgir, sem alteração de leitura, com o verbo *telefonar*. Destas, 3 com a sequência *liga para* + [+hum].)

(29) *par=ext1443514-des-92a-2*: E podia-se discar um número quase com a mesma facilidade com que se *liga para* um vizinho.

(30) *par=ext1514235-nd-95b-1*: A maneira de rematar é muito simples: a produção *liga para* o telefone do concorrente e, quando este prime a tecla 5 (no caso dos telefones antigos, quando chega ao número 5), a máquina lança a bola por acção de ondas electromagnéticas.

liga com – 22 ocorrências (0 das quais poderiam surgir, sem alteração de leitura, com o verbo *telefonar*)

ligar ao – 72 ocorrências (6 das quais poderiam surgir, sem alteração de leitura, com o verbo *telefonar*. Destas, 5 com a sequência *ligar ao* + [+hum].)

(31) *par=ext1069064-soc-97b-2*: Tentou então *ligar ao* chefe da estação do Areeiro, mas este estava com o telefone ocupado.

(32) *par=ext1496320-pol-92b-2*: «Vamos *ligar ao* gabinete do vice-porta-voz, pode ser que ele saiba responder à sua pergunta».

ligar à – 116 ocorrências (3 das quais poderiam surgir, sem alteração de leitura, com o verbo *telefonar*. Destas, 2 com a sequência *ligar à* + [+hum].)

(33) *par=ext1198005-nd-94a-1*: A secretária de Foster pode ligar às pessoas que querem entrar em contacto com Foster, mas estas nunca podem *ligar à* secretária.

(34) *par=ext445459-clt-96a-1*: Telefonam-me e pedem-me para *ligar à* contabilidade, ao director comercial, ao assessor de imprensa e tenho que dizer «Sou eu.

(35) *par=ext1519587-clt-soc-95a-1*: O Joaquim, de dez anos, aproveitou a intimidade que alcançou com Valentim Loureiro para lhe pedir o telemóvel para *ligar à* família e para dizer que chegou bem a Lisboa.

ligar para - 171 ocorrências (162 das quais poderiam surgir, sem alteração de leitura, com o verbo *telefonar*. Destas, 12 com a sequência *ligar para* + [+hum].)

(36) *par=ext4811-soc-94b-1*: «Era difícil entrevistar o verdadeiro autor do livro, *ligar para* o Vaticano e dizer 'passe-me o Papa'.

(37) *par=ext44218-soc-97a-1*: Mesmo assim, teve o discernimento necessário para correr até ao telefone e *ligar para* a parteira, enquanto a mulher se mantinha ao pé da mesa do restaurante, «a dizer qualquer coisa sobre toalhas».

(38) *par=ext96765-soc-95a-2*: «Veja bem as vantagens: é difícilimo *ligar para* a Deco.

(39) *par=ext368673-pol-92a-1*: Não vale a pena *ligar para* mim.³⁶

(40) *par=ext100685-pol-96a-1*: Ainda hoje, e apesar do prodigioso avanço das telecomunicações, os jornalistas estrangeiros residentes em Pequim, cujos números de telefone de casa começam todos por " 532 ", não conseguem *ligar para* os telefones começados por " 87 ", os números atribuídos aos militares.

ligar com – 19 ocorrências (1 das quais poderia surgir, sem alteração de leitura, com o verbo *telefonar*)

(41) *par=ext1303011-nd-92a-2*: “Face às desculpas e entraves posto à minha pretensão, saí daquele serviço e dirigi os meus passos para uma cabine telefónica, conseguindo *ligar com* o Dr. Vieira, na ocasião Chefe de Equipa de Urgência, e expondo-lhe o que se passava, tendo-me aquele senhor dito não ser possível tal acontecer, quase me chamando mentiroso.”

Destaca-se a apresentação de um desvio face à tradição gramatical em, por exemplo, (29) “E podia-se discar um número quase com a mesma facilidade com que se *liga para um vizinho*”; (39) “«Vamos *ligar ao gabinete do vice-porta-voz*, pode ser que ele saiba responder à sua pergunta»”; (41) “Face às desculpas e entraves posto à minha pretensão, saí daquele serviço e dirigi os meus passos para uma cabine telefónica, conseguindo *ligar com o Dr. Vieira*, na ocasião Chefe de Equipa de Urgência, e expondo-lhe o que se passava, tendo-me aquele senhor dito não ser possível tal acontecer, quase me chamando mentiroso”; e (37) “Mesmo assim, teve o discernimento necessário para correr até ao telefone e *ligar para a parteira*, enquanto a mulher se mantinha ao pé da mesa do restaurante, «a dizer qualquer coisa sobre toalhas»”. Estes exemplos, embora possam ser claramente considerados pouco significativos em termos numéricos, aliados à observação empírica referida, ainda que não solidificada com recolha de dados, sugerem a existência de variação na seleção de preposição nas leituras em que pode ser substituído

³⁶ Em exemplos como este poderá estar em causa a preferência pela seleção do pronome pessoal tónico “mim” em vez da pronominalização com o pronome pessoal átono “me”.

pelo verbo *telefonar*. Assim, procurando responder à pergunta deixada acima, emersa pelo facto de o traço [+/-humano] associado ao sintagma nominal poder, afinal, não ser relevante na determinação da preposição a seleccionar, avança-se com a hipótese de que sucede, remetendo em certa medida para o conceito indicado em Mendes (2013), uma dessemantização, uma perda de carga semântica. Assumindo que as preposições *a* e *para* se definem semanticamente pela posse de determinados traços – que aqui não se discutem especificamente – e consequente abrangência de seleção de determinados complementos, entende-se que se apresentam nestes contextos menos definidas, menos estritas, e por essa razão acontece serem indistintamente seleccionadas por alguns, poucos (se se considerar apenas o que se encontrou no *corpus*), falantes. Considerem-se agora os exemplos retirados do *corpus* em relação ao verbo *telefonar*:

CETEMPúblico

telefona ao – 16 ocorrências (todas sinónimas de “estabelecer contacto telefónico com uma entidade mais ou menos humana”, neste caso todas com [+hum])

telefona à - 17 ocorrências (16 das quais sinónimas de “estabelecer contacto telefónico com uma entidade mais ou menos humana”, neste caso todas com [+hum])

telefona para - 45 ocorrências (39 das quais sinónimas de “estabelecer contacto telefónico com uma entidade mais ou menos humana”. Destas, 7 com a sequência *telefona para* + [+hum].)

(42) *par=ext411818-nd-97b-2*: A filha de Maria de Lurdes, quando *telefona para* o pai, «é principalmente para saber da irmã, ela é a única motivação».

(43) *par=ext564858-soc-92b-1*: O pai *telefona para* uma empresa de comercialização de árvores, encomenda um pinheiro nórdico e combina a sua entrega ao domicílio.

telefona com – 0 ocorrências

telefonar ao – 66 ocorrências (58 das quais sinónimas de “estabelecer contacto telefónico com uma entidade mais ou menos humana”. Destas, 54 com a sequência *telefonar ao* + [+hum]).

(44) *par=ext173408-soc-92a-1*: «Vou *telefonar ao* Dias Loureiro a dizer que demiti o Fernando Nogueira.”

(45) *par=ext966143-pol-92a-2*: «Eu tinha dito logo que queria comandar a Guarda de Honra, o que me possibilitava a grande oportunidade de *telefonar ao* posto de comando no Continente, a

anunciar: ' Estes gajos já estão dentro!

(46) *par=ext1548318-soc-92a-2*: Clint olhou para a sua Magnum 44 de brincar aos polícias e tratou de *telefonar ao* FBI que prendeu rapidamente o homenzinho.

(47) *par=ext1374947-soc-92b-1*: Em desespero de causa, pediu ao companheiro de enfermaria para *telefonar ao* 115.

telefonar à – 51 ocorrências (50 das quais sinónimas de “estabelecer contacto telefónico com uma entidade mais ou menos humana”. Destas, 31 com a sequência *telefonar à* + [+hum]).

(48) *par=ext1380725-pol-95b-2*: *Decidi telefonar à EPAL.*

(49) *par=ext787457-nd-95a-1*: . Claro que posso ler, posso ouvir música, posso alugar um filme no clube de vídeo, posso *telefonar à* Esmeralda, posso fazer uma hora de «crochet» antes de me deitar, mas falta-me o Renato aqui.

telefonar para – 299 ocorrências (284 das quais sinónimas de “estabelecer contacto telefónico com uma entidade mais ou menos humana” com a construção *para* + SN (+/- humano). Destas, 28 com a sequência *telefonar para* + [+hum].)

(50) *par=ext126311-pol-92a-1*: A única coisa que não posso admitir é que não me tivessem deixado *telefonar para o Norberto de Castro* para ele declarar a titularidade das armas.

(51) *par=ext207404-clt-96b-2*: E resolveu *telefonar para Ramiro Valadão*, então presidente da RTP, a protestar.

(52) *par=ext89798-nd-91b-2*: Dadas as grandes dificuldades económicas dos timorenses (como divulgou o Público, no dia 16), imagino como lhe custará *telefonar para Timor.*

telefonar com – 5 ocorrências (0 ocorrências com o sentido de estabelecer contacto telefónico com uma entidade)

Sublinham-se, neste conjunto de recolhas, as construções (50) “A única coisa que não posso admitir é que não me tivessem deixado *telefonar para* o Norberto de Castro para ele declarar a titularidade das armas”, (45) “Eu tinha dito logo que queria comandar a Guarda de Honra, o que me possibilitava a grande oportunidade de *telefonar ao* posto de comando no Continente, a anunciar: ' Estes gajos já estão dentro!’”, (46) “Clint olhou para a sua Magnum 44 de brincar aos polícias e tratou de *telefonar ao* FBI que prendeu rapidamente o homenzinho” e (47) “Em desespero de causa, pediu ao companheiro de enfermaria para *telefonar ao* 115” e a inexistência de ocorrências com o verbo conjugado

na terceira pessoa do singular + preposição *com*, tal como sucedeu na pesquisa com o verbo *ligar*. Estes exemplos surgem na linha do que se viu acima: ocorrências de oscilação indistinta (quanto ao traço [+/-hum] do complemento) de *a/para* e registos residuais de produção com a preposição *com*. No que diz respeito às construções nas quais a preposição *com* surge, associadas a produções fora da norma-padrão da língua³⁷, equaciona-se, com base no que referem Lucero (1999: 576) e Bruyne (1999: 666), que a seleção aconteça por analogia em relação a outras expressões ou por associação inconsciente em relação a “estabelecer contacto telefónico *com* alguém/alguma entidade”, sendo que a seleção da preposição já se encontra presente noutras estruturas argumentais do verbo *ligar*³⁸. Em síntese, entende-se que sucede, em casos análogos a estes, como se referiu acima, uma dessemantização das preposições, deixando margem para uma maior aceitação de diferentes seleções por parte de alguns falantes. No seguimento de Raposo & Xavier (2013) e das observações aqui feitas, crê-se que há uma coordenação de relações de regência³⁹ entre subordinante, preposição e complemento que é resultado, refira-se assim, da conjugação de diferentes variáveis, uma das quais será a carga mais ou menos semântica trazida pela preposição a seleccionar.

3.2. *llamar e telefonar*⁴⁰

O verbo *llamar*⁴¹ apresenta em espanhol diferentes leituras, contudo neste trabalho, como se fez acima para o Português Europeu, toma-se apenas a que se produz como sinónimo de “estabelecer contacto telefónico”. Põem-se, dessa forma, de parte

³⁷ É pertinente recordar-se aqui o que foi dito atrás, na nota 34.

³⁸ Bruyne (1999: 666) aborda especificamente a questão do uso de *com* em vez de *a*, que é apontada como típica de algumas regiões do espanhol americano.

³⁹ Sobre estas relações, recorde-se Marantz (1984): “The entire predicate (not just the verb) assigns a θ -role to the subject. The meaning/properties of the object influence the meaning of the verb, which, in turn, determines the semantic properties of the subject. The object is assigned its theta role by the verb. The subject is assigned its theta role by the entire predicate.”

⁴⁰ Agradeço à minha colega Blanca Palomero, falante nativa de espanhol, os comentários feitos aos exemplos incluídos nesta secção do trabalho.

⁴¹ O verbo *chamar* (proveniente do mesmo étimo latino *clamare*) em Português Europeu surge em construções como verbo pronominal (“Ele chama-se Pedro”); transitivo direto (“A Maria chama o Pedro”); verbo de dois lugares com argumento interno oblíquo ou transitivo indireto (“A Maria chama por auxílio” - pedir); verbo transitivo direto e indireto em Cunha & Cintra (1984) ou transitivo de três lugares (“A Maria chama a atenção para esse facto”); intransitivo (“O telefone já chama” - toca) e ditransitivo (“Ele chama nomes à Rita”). Para elaborar esta lista foram consultadas as páginas www.infopedia.pt e www.priberam.pt/dlpo, de onde foram adaptados alguns dos exemplos. A classificação categorial do verbo aqui apresentada, embora possa coincidir, em alguns casos, com as que são disponibilizadas nas páginas digitais, é resultado de análise própria.

ocorrências de *llamar* como verbo pronominal, por exemplo, em “Ella *se llama* Maria”, como transitivo em “Maria *llama a* Pedro”, leitura que poderia ser traduzida para português europeu por “A Maria *chama* o Pedro”, e como intransitivo em “Maria *llama a* la puerta”. Assim, interessam apenas os exemplos:

(53) Ella llama a Pedro/Rita.

(54) *Ella llama para Pedro/Rita.

(55) *Ella llama con Pedro/Rita.

(56) Ella llama al (a +el) departamento.

(57) *Ella llama para el departamento.

(58) *Ella llama con el departamento.

(59) Ella llama a la policia.

(60) *Ella llama para la policia.

(61) *Ella llama con la policia.

Assim, em Espanhol Peninsular constata-se a não variação da seleção preposicional, tal como se percebe da pesquisa no *corpus Real Academia Española - Corpus de Referencia del Español Actual (CREA)*⁴².

llamar a

(62) “Puede ser un ladrón o un maleante o un huelguista que anda huido. Mejor será *llamar a la policia*. Hay un teléfono en la biblioteca.”

llamar al

(63) “Si el aparato no funciona correctamente o no funciona en absoluto, antes de *llamar al Servicio Técnico* efectúense los siguientes controles: (...)”

llama a

(64) “¿Por qué no hace lo que todo el mundo? ¿Por qué no *llama a la policia*? Ahí tiene el teléfono: ¿por qué no los llama?”

llamar para/ llama para/ llamar con/ llama con - não apresentam realizações com as leituras em

⁴² Banco de datos (CREA) [en línea]. *Corpus de referencia del español actual*. <http://www.rae.es>.

Pela incapacidade de concretizar a filtragem por análise de todos os resultados obtidos na pesquisa no *corpus Real Academia de la Lengua Española*, apresentam-se aqui apenas alguns exemplos, sem a contabilização. Tal como se fez para o PE, aqui também se tomam as preposições contraídas. Esclarece-se ainda que a pesquisa foi feita em novembro de 2020.

que *llamar* possa ser substituído por *telefonar*.

O verbo *telefonar* apresenta-se como transitivo, com o sentido de transmitir mensagens por telefone, como “Allen Dulles *telefonea* a Don Juan y le informa que los aliados derribarán inmediatamente a Franco, que se estudia la invasión de España y que puede ser inminente” e como intransitivo com o sentido de estabelecer a ligação telefónica, como em “El viernes, el Sr. Ara *telefonea*”. Contudo, há uma noção empírica por parte de nativos de que é bastante menos selecionado nas produções dos falantes do que o lexema despoletador da mesma leitura: *llamar*. Surgindo em construções como “Mercedes corrió a *telefonar al médico*”, “La gobernanta, por su parte, tras haber estado a punto de *telefonar a la policía* por su propia cuenta e informarles acerca del escondite de Julián (...)” e “A las dos, cuando se durmió la chica, había sentido el impulso irresistible de *telefonar a Paula*”⁴³, rege também objetos diretos com seleção da preposição *a*.

(65) Ella *telefonea* a Pedro/Rita.

(66) *Ella *telefonea* para Pedro/Rita.

(67) *Ella *telefonea* con Pedro/Rita.

(68) Ella *telefonea* al (a +el) departamento.

(69) *Ella *telefonea* para el departamento.

(70) *Ella *telefonea* con el departamento.

(71) Ella *telefonea* a la policía.

(72) *Ella *telefonea* para la policía.

(73) *Ella *telefonea* con la policía.

3.3. Português Europeu vs. Espanhol Peninsular

Considerando, por um lado, os exemplos apresentados e os resultados obtidos nas pesquisas no corpus *CETEMPúblico* e no *Dicionário Online da Porto Editora*, para o Português Europeu, e, por outro, os exemplos incluídos e os resultados das pesquisas no *Corpus de Referencia del Español Actual (CREA)* e no *Diccionario da Real Academia de*

⁴³ Excetuando os numerados de (53) a (73), todos os exemplos em espanhol foram retirados do *corpus* CREA.

La Lengua Española, constata-se que a problemática sobre a variação de preposições com os verbos que, nas duas línguas, criam a leitura “estabelecer contacto telefónico” parece não se verificar em Espanhol Peninsular⁴⁴. Nessa língua, pelo menos no que toca a estes dois verbos, as ocorrências denotam ser bastante imóveis, não havendo distinção feita, através de uma diferente preposição (*a/para*), em construções com sintagmas com traço [+/-humano]⁴⁵. Ocorre, contudo, como em português europeu, a seleção da preposição *a* nos verbos *llamar* e *telefonar*, embora, como se viu, no caso do Português Europeu selecione um OI e em Espanhol Peninsular selecione um OD, embora importe referir, perante os apontamentos feitos sobre a inexistência de dados que mostrem a variação encontrada em PE, que o Espanhol Peninsular apresenta fenómenos de variação na seleção de pronome: leísmo (uso dos pronomes *le* e *les* em lugar de *lo*, *la*, *los*, *las*), loísmo (uso de *lo/los* em lugar de *le/les*) e láismo (uso de *la/las* em lugar de *le/les*)⁴⁶.

4. Considerações finais

Apesar de a comparação entre Português Europeu e Espanhol Peninsular ter mostrado que o fenómeno objeto de estudo no presente trabalho – a variação na seleção de preposições sem alteração de sentido nos verbos em questão – não era partilhado, os dados acima indicados e analisados permitem que se faça uma reflexão sobre o estatuto da categoria preposição numa perspectiva mais geral. Se, por um lado, a seleção de determinadas preposições em detrimento de outras implica leituras distintas, mostrando força lexical intrínseca, por outro, como aqui se abordou, há ocorrências que apresentam as mesmas leituras, apesar da disparidade na regência preposicional. Entende-se, assim, que a oscilação na seleção da preposição possa resultar de um processo de dessemantização, ou seja, algumas preposições em português europeu, em determinados contextos, apresentam-se menos marcadas. Nesse entendimento, e voltando-se às preposições que neste estudo se incluíram, parece existir uma perda de carga semântica em *a*, *para* e *com*, que leva a que alguns falantes do Português Europeu (não os da

⁴⁴ O facto de *telefonar* ser relativamente pouco usado pelos nativos também não ajuda à verificação de uma possível variação preposicional.

⁴⁵ Contudo, a variação neste traço é tomada em consideração noutros contextos, por exemplo, em “complementos que designan personas o entidades animadas (...)” (Bosque & Rexach 2016: 155).

⁴⁶ Sobre isto, consultar, por exemplo:

<https://www.rae.es/espanol-al-dia/uso-de-los-pronombres-los-las-les-leismo-laismo-loismo>.

norma-padrão no que diz respeito à seleção da preposição “com”⁴⁷) as selecionem de modo indistinto, independentemente da caracterização [+/-hum] do SN posterior na cadeia sintagmática, nas construções com os verbos *ligar* e *telefonar*. Assim, defende-se que, no caso de construções nas quais os verbos regem um leque limitado de preposições sem alteração de sentido, estas estejam na verdade desprovidas de parte da sua carga semântica, tornando-se, dessa forma, menos restritivas na seleção dos seus complementos. Este processo resulta, em última instância, na propensão à aceitação/produção das construções por parte dos falantes.

No que diz respeito à discussão relacionada com a alocação teórica da categoria, falar-se num caráter híbrido, olhando para dados deste tipo e dada a sua não prevalência geral nas línguas naturais, parece ser ainda a opção mais adequada. Com a certa evolução linguística a acontecer nos próximos anos, décadas, saber-se-á se algum caminho prevalecerá: solidificar-se-á a componente semântica, e uma especificação mais clara, abrindo as portas à oposição clara de leituras ou até à agramaticalidade mais densa de certas ocorrências ou, pelo contrário, haverá tendência para um alargamento do fenómeno de subespecificação, permitindo uma maior oscilação nas produções? É sabido que os sistemas tendem a suprimir redundâncias⁴⁸, pelo que seria possível colocar-se a questão de que poderia acabar-se, no limite, por fazer cair em desuso algumas das preposições, todavia, o que sucede é que estas oscilações acontecem apenas nas construções com determinados verbos, surgindo as mesmas preposições com caráter mais especificado, sistematicamente mais definido, mais robusto, em seleções feitas por outros verbos, logo essa auto-eliminação por parte do sistema não se assume previsível.

Acredita-se que fará sentido levar a cabo uma rigorosa recolha de dados sobre a produção/aceitação de construções com verbos que possibilitem variação como os que aqui foram tratados com o intuito de contribuir para uma discussão mais fundada e alargada do conceito de dessemantização das preposições. Por exemplo, alargando a análise a construções como “Ele escreve à Maria” e “Ele escreve para a Maria”, ambas gramaticais em PE (podendo apresentar, a segunda, duas leituras), e, até, construções que

⁴⁷ Neste caso, tendo sido encontrada apenas uma ocorrência, entende-se que é necessária uma recolha mais alargada, que possa confirmar ou infirmar a hipótese levantada relativamente a esta preposição.

⁴⁸ Os sistemas tendem a suprimir redundâncias, contudo o argumento da economia linguística, muitas vezes avançado, não é uma verdade absoluta, pois pela observação diacrónica pode provar-se que há línguas que evoluem no sentido de uma maior complexidade.

mostram a variação PE/PB no par “Vou perguntar à Maria” / “Vou perguntar para a Maria”. Seria, com certeza, interessante que esse estudo potenciase novas conjecturas tanto na problemática sobre a interação Léxico-Sintaxe como na definição mais clara da estruturação das várias regências numa oração.

Referências

- Baker, M. 1988. *Incorporation. A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Barbosa, J. S. [1822] 1881. *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados à nossa Linguagem*. Lisboa: Academia Real das Sciencias.
- Bechara, E. 1999. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Bosque, I.; Gutierrez-Rexach, J. 2016. *Fundamentos de Sintaxis Formal*. Madrid: Akal.
- Brito, A. M. 2003. *Categorias sintácticas*. In *Gramática da Língua Portuguesa* (323-432). Lisboa: Editorial Caminho.
- Brito, A. M. 2009. *Construções de objecto indirecto preposicionais e não preposicionais: uma abordagem generativo-construtivista*. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Textos Seleccionados. Lisboa: APL, 141-159.
- Brito, A. M. 2013. *Sobre a divisão de trabalho entre Léxico e Sintaxe – algumas reflexões*. Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados. Lisboa: APL, 103-119.
- Bruyne, J. de. 1999. *Las preposiciones*. In *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (Vol. I, 658-703). Madrid: Espasa-Calpe.
- Chaves, R. P. 2013. *Organização do léxico*. In *Gramática do Português* (Vol. I, 185-246). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Chomsky, N. 1957. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton.
- Chomsky, N. 1965. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Chomsky, N. 1970. *Remarks on nominalization*. In *Readings in English Transformational Grammar* (184-221). Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- Chomsky, N. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris Publications.
- Chomsky, N. 1986. *Knowledge of Language*. New York: Prager.
- Chomsky, N.; Halle, M. 1968. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row.
- Cunha, C.; Cintra, L. F. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.
- Dowty, D. R. 1990. *Thematic proto-roles and argument selection*. *Language* 67: 547-619.
- Duarte, I.; Brito, A. M. 1996. *Sintaxe*. In *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa, Série Linguística* (247-302). Lisboa: Caminho.

- Edmonds, E. 1985. A unified theory of syntactic categories. Dordrecht: Foris Publications.
- Eliseu, A. 2008. Sintaxe do Português. Col. O Essencial sobre a Língua Portuguesa. Lisboa: Caminho.
- Faria, I.; Pedro, E.; Duarte, I.; Gouveia, C. 1996. Introdução à Linguística Geral e Portuguesa, Série Linguística. Lisboa: Caminho.
- Farias, J. G. 2016. Análise Composicional da Variação entre *a*, *para* e *em* em sentenças com verbos do tipo *ir* e *chegar*. In Estudos Linguísticos e Literários. <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/18200>, acessado em 02.11.2020.
- Fillmore, C. 1968. The case for case. In Universals in Linguistics Theory. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Greenberg, J. H. (1963) 1996. Some universals of Grammar with Special Reference to the Order of Meaningful Elements. In Universals of Language (2.^a edição, 73-113). Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Grimshaw, J. 1979. Complement selection and the lexicon. Linguistic Inquiry 10 (279-326). Cambridge, MA: MIT Press.
- Gruber, J. 1965. Studies in Lexical Relations. Tese de doutoramento, MIT.
- Jackendoff, R. 1977. X-bar syntax: A study of phrase structure. Linguistic Inquiry Monograph 2 (xii, 249). Cambridge, MA: MIT Press.
- Jakobson, R.; Fant, G.; Halle, M. 1952. *Preliminaries to speech analysis*. Cambridge: MIT Press.
- Laguna, J. 2004. Gramática de las preposiciones. Actas del XV Congreso Internacional de ASELE. Universidad de Sevilla, 526-533.
- Lucero, M. V. 1999. Clases de partículas: preposición, conjunción y adverbio. In Gramática Descriptiva de la Lengua Española (Vol I, 565-655). Madrid: Espasa-Calpe.
- Marantz, A. 1984. On the nature of grammatical relations. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Mateus, M. H. M.; Brito, A. M.; Duarte, I.; Faria, I. H. 2003. Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa: Caminho.
- Mendes, A. 2013. Processos de gramaticalização. In Gramática do Português (Vol. I, 249-293). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pesetsky, D. 1982. Path and Categories. Tese de doutoramento, MIT.
- Pustejovsky, J. 1998. The Generative Lexicon. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Raposo, E. B. P. 2013a. Estrutura da frase. In Gramática do Português (Vol. I, 303-398). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, E. B. P. 2013b. Verbos auxiliares. In Gramática do Português (Vol. II, 1221-1281). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, E. B. P.; Xavier, M. 2013. Preposições e sintagma preposicional. In Gramática do Português (Vol. II, 1497-1598). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sabio, J. A. 1991. Las preposiciones en portugues y en español: estudio contrastivo de la preposicion "A". Actas do VI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, 291-305.
- Trujillo, R. 1971. Notas para un estudio de las preposiciones españolas. Thesaurus: boletín del Instituto Caro y Cuervo (Vol. XXVI, N.º 2, 234-279).
- Xavier, M. F. 1991. A categoria Preposição na gramática do português (um estudo da preposição *a*). Actas do VI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, 317-329.